A vinda da Família Real para o Brasil e as Transformações na Saúde Pública no Rio de Janeiro

Flávia Cristina Morone Pinto*[1] (PQ),Vagner Pereira de Souza [2] (PQ), Teresa Cristina C Piva [3](PQ)

[1] Mestre em Saúde Pública – Profª do Curso de Graduação em Enfermagem e Coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Saúde Pública, do Centro Universitário Celso Lisboa.
[2] Bacharel e Licenciado em História - Prof. de História da Saúde Pública do Curso de Pós-Graduação em Saúde Pública, do Centro Universitário Celso Lisboa.
[3] Doutora em Ciências – Profª do Curso de Pós-Graduação de Enfermagem - Terapia Intensiva e Enfermagem do Trabalho, do Centro Universitário Celso Lisboa.

Centro Universitário Celso Lisboa
Rua 24 de Maio 797 - Sampaio - Rio de Janeiro/RJ - Cep: 20950-091, Tel: 21 3289-4722
Email: *flaviamorone@globo.com*

Palavras Chave: *Saúde Pública, Rio de Janeiro, Corte Portuguesa, Família Real.*

Introdução

O Rio de Janeiro até a chegada da família real em 1808 era uma cidade insalubre, pantanosa, com águas estagnadas e com poucas ruas, crescendo desordenadamente. Existia dificuldade de abastecimento de água, não havia saneamento, a falta de higiene era total, não havia esclarecimento, uma vez que população era praticamente toda analfabeta.

Fig 1- Vista da Lagoa do Boqueirão com o Aqueduto da Carioca. Pintura de Leandro Joaquim, 1790, Acervo do Museu Histórico Nacional.

A vinda da corte para o Brasil foi o momento considerado apropriado para ocorrer mudanças. Foi chegada à hora de sanear a cidade ou de pelo menos "esconder" o que ocorria na realidade. Nem todos compartilharam desta idéia, foi o caso do médico Domingos Ribeiro Peixoto que declarou o seu pensamento sobre as condições sanitárias do Rio de Janeiro em um livro publicado em 1820.[1]

Este trabalho tem como objetivos mostrar os impactos para a saúde pública do Rio de Janeiro com a vinda da Família Real para o Brasil e oferecer um breve panorama da saúde pública da época.

Resultados e Discussão

As ruas estreitas e alagadas, sem saneamento, a água potável escassa, todos estes fatores propiciavam a proliferação de doenças, ou melhor "miasmas". As práticas que se instituíram para fazer face à peste buscaram, assim, evitar a proximidade e o toque, e, ao mesmo tempo, neutralizar com perfumes e máscaras os odores viciados que corrompiam o ar. A corrupção do ar era percebida como fenômeno originário do lixo, das profundezas do solo, de conjunções astrológicas malignas e também dos próprios doentes e cadáveres. A doença se alastrava de um para outro; a participação do ar era fundamental[2].

A população estava à sorte de adquirir diarréias, disenterias, verminoses, sarnas, bichos de pé, bernes, piolhos sem contar com as doenças epidêmicas e contagiosas, como peste, varíola, malária e febre amarela. A transferência da Corte portuguesa para o Brasil fez com que as elites estabelecidas no Rio de Janeiro elaborassem paulatinamente um projeto de "civilização" para os trópicos.

Conclusões

O movimento iniciado com a chegada da Corte foi prolongado ao longo do período Imperial, chegando à passagem da Monarquia ao Republicanismo. Essa passagem foi pautada na negação do passado histórico com a afirmação do moderno como marca da transformação.

As lições deixadas pela presença da Corte modificaram também os hábitos e costumes frente aos problemas de saúde pública. A beleza também se traduzia em um ambiente livre de doenças e epidemias, onde a sociedade podia crescer em número e em qualidade de vida.

---

[1] - Ribeiro, Domingos. Aos sereníssimos príncipes reais do reino unido de Portugal, do Brasil e do Algarve, os senhores d. Pedro de Alcântara e d. Carolina Leopoldina, oferecem em sinal de gratidão, amor, respeito e reconhecimento estes Prolegômenos, ditados pela obediência, que servirão às observações que for dando das moléstias cirúrgicas do país em cada trimestre.Imprensa Régia, **1820**

[2] -Czeresnia, Dina. Do contágio à transmissão: uma mudança na estrutura perceptiva de apreensão da epidemia. História, ciências, saúde, vol IV(1), Mar-Junh, **1997**.